

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

LARA GABRIELA SOUZA GOMES

IMIGRAÇÃO POLONESA NO ESTADO DO PARANÁ
UMA ANÁLISE DA REFERIDA IMIGRAÇÃO E SEU REFLEXO NAS
RELAÇÕES BILATERAIS ENTRE BRASIL E POLÔNIA

RECIFE
2018

IMIGRAÇÃO POLONESA NO ESTADO DO PARANÁ
UMA ANÁLISE DA REFERIDA IMIGRAÇÃO E SEU REFLEXO NAS
RELAÇÕES BILATERAIS ENTRE BRASIL E POLÔNIA

LARA GABRIELA SOUZA GOMES

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Faculdade Damas da
Instrução Cristã como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do Grau de
Bacharel em Relações Internacionais. Sob
a orientação da Professora Jeanete
Viegas.

RECIFE

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB/4/2116

G633i Gomes, Lara Gabriela Souza.
Imigração polonesa no Estado do Paraná: uma análise da referida imigração e seu reflexo nas relações bilaterais entre Brasil e Polônia / Lara Gabriela Souza Gomes. – Recife, 2018.
54 f. : il. color.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Jeanete Magalhães Viegas.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2018.
Inclui bibliografia

1. Relações internacionais. 2. Imigração polonesa. 3. Paraná. 4. Relações bilaterais. I. Viegas, Jeanete Magalhães. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327(81:438) CDU (22. ed.)

FADIC (2019-199)

AGRADECIMENTOS

Agradeço do fundo do meu coração à minha família querida, principalmente a minha “mainha”, ao meu pai e ao meu irmão, obrigada por acreditarem em mim; Ao meu “vovô” Gregório, faria tudo para que o senhor pudesse presenciar esse momento fisicamente, mas sei que, independente de onde estiver, você vive em mim. Saudades; Aos meus amigos de graduação que se tornaram amigos da vida, que possamos manter viva a união que criamos durante esses quatro longos anos que na verdade pareceram passar voando, pois vocês tornaram essa fase muito mais leve e agradável, vou sentir muita falta; Aos meus amigos que, mesmo não vivenciando essa rotina de Relações Internacionais, sempre me acompanharam e me acompanham em minhas aventuras; Ao ERENE e todos que foram parte do quadro de funcionários enquanto estive presente, obrigada pela parceria, vocês tornam fácil ir trabalhar todos os dias do outro lado da cidade; Aos meus chefes, obrigada pela paciência e por me ensinarem a ser cada dia melhor; Às irmãs de mundo que hospedei em minha casa, obrigada pela confiança, espero ter sido tão especial para vocês como vocês foram para mim; Aos funcionários da Faculdade Damas, obrigada por todo o suporte; Aos meus professores, meu eterno e mais sincero agradecimento por terem dividido comigo, ao longo desses quatro anos, um pouco dos seus conhecimentos, obrigada por terem sido, além de mestres, amigos, e à minha orientadora querida, obrigada por ter aceitado participar desta comigo, sem a Senhora eu não teria conseguido. Vocês mudaram para sempre a minha vida; A Kenny, obrigada por me arrancar um sorriso no rosto até nos meus piores dias e por me amar incondicionalmente.

De forma geral, obrigada a todas e todos que, de alguma forma, estiveram presentes em algum momento nesses quatro anos. Alguns de forma rápida, ainda que por um único segundo, outros de forma mais intensa e prolongada, mas todos igualmente importantes, pois todos vocês, de algum modo, impactaram na minha vida. A vocês, tudo de mais lindo que o mundo possa oferecer. Ganhei uma enorme “família” que, com toda a certeza, levarei para sempre comigo. Foram altos e baixos pelos quais eu sou extremamente

grata, pois foram esses momentos que me proporcionaram não aquilo o que eu queria, mas aquilo que eu precisava.

Nos vemos pelo mundo.

Avante!

RESUMO

A presente monografia visa trazer o fato histórico da imigração polonesa no Brasil, a partir de uma retomada da trajetória da Polônia ao longo dos anos, desde o seu primórdio, atingindo o seus momentos de auge, até seu declínio e, posteriormente, sua reestruturação que perdura até os dias atuais, buscando justificar o porquê deste deslocamento ter ocorrido, do mesmo modo que busca esclarecer a razão pela qual haviam determinados períodos onde o fluxo de imigrantes entrando no Brasil era maior, em detrimento a outros recortes temporais, além de, também, clarificar o motivo de os poloneses terem tido como destino o Estado do Paraná e lá terem se estabilizado, se concentrado quase que totalmente no Estado. Além disso, o trabalho busca também ressaltar a importância do estudo e conhecimento do assunto, para o bom conhecimento da história do Brasil e do mundo, bem como a capacidade da elaboração de perspectivas levando em consideração o Brasil com vista à Europa Central, a partir da análise das relações bilaterais estabelecidas entre ambos os países abordados – Brasil e Polônia.

Palavras-chave: Imigração polonesa. Paraná. Relações bilaterais.

ABSTRACT

The following monograph aims to bring the episode of the Polish immigration in Brazil, starting from a recapture of Polish history over the years, from its beginning, reaching its peaks, then its collapse, and later, its restructuring that lasts until nowadays, trying to justify why this migrational movement happened, in the same way that the paper seeks to clarify the reason why there were certain periods where the flow of immigrants entering Brazil was bigger than in other temporal cuts, besides that, the monography also aims to bring to discussion the reason why the Poles were mostly headed to the State of Paraná and there had stayed, remaining almost entirely in the State. In addition, the paper also seeks to emphasize the importance of studying about it and having knowledge of the subject, for understanding Brazil's history, such as the world's, as well the ability to elaborate perspectives while considering Brazil while related to Central Europe, through the analysis of the bilateral relations established between both countries – Brazil and Poland.

Key-words: Polish immigration. Paraná. Bilateral relations.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
3. CONTEXTO HISTÓRICO	14
3.1. AS RELAÇÕES CONSULARES POLÔNICO-BRASILEIRAS	19
4. QUESTÕES ÉTNICAS	21
4.1. ASCENSÃO E QUEDA DA POLÔNIA.....	22
4.2. OS PRIMÓRDIOS DA POLÔNIA	23
4.1.1. <i>A ordem teutônica e revoltas</i>	25
4.1.2. <i>Batalha de Grunwald e vitória dos poloneses sobre a Ordem Teutônica</i>	27
4.1.3. <i>Retomada das invasões e desconfiguração da Polônia</i>	29
4.1.4. <i>Ressurgimento da Polônia e guerras mundiais</i>	33
5. AS RELAÇÕES BILATERAIS ENTRE BRASIL E POLÔNIA.....	41
4.3. RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS	45
4.4. RELAÇÕES ECONÔMICAS	47
4.5. PERSPECTIVAS FUTURAS.....	49
CONCLUSÃO.....	50
REFERÊNCIAS	52

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Polônia durante o reinado de Kazimier III (1333 – 1370).	24
Figura 2 – A Polônia em 1635.....	29
Figura 3 – A Polônia em 1772.....	31
Figura 4 – A Polônia em 1795.....	32
Figura 5 – A Polônia em 1920.....	34
Figura 6 – A Invasão da Polônia em Setembro de 1939.....	37

1. INTRODUÇÃO

Há cerca de 150 anos, começaram a ser relatadas as entradas das primeiras famílias de origem polonesa no Brasil. Estas famílias, em sua grande maioria, se dirigiam especialmente à região sul, com destaque para o Estado do Paraná.

A busca do governo brasileiro por imigrantes europeus com o intuito de “branquear¹” a sociedade e incrementar o mercado interno sem o uso da mão de obra escrava resultou em propostas tentadoras aos poloneses, que naquela época habitavam a região da Prússia – Ressaltando ainda o fato de esta região específica ser altamente instável, tanto territorialmente, como politicamente – o que serviu como a oportunidade perfeita para que os poloneses abandonassem sua terra-natal definitivamente e embarcassem para o Brasil, visando terem sua própria terra, um trabalho digno e realizarem seus sonhos em liberdade, o que, devido às circunstâncias, não estavam sendo possível de se concretizar na Polônia.

Com o passar dos anos, a imigração foi crescendo. Para um melhor entendimento, o processo foi dividido em fases, sendo as mais volumosas de 1869 até 1889, de 1890 até 1914, e a terceira, abrangendo as imigrações ocasionadas pelas guerras, em especial, a Segunda Guerra Mundial.

O grande número de imigrantes de origem polonesa no Brasil fez com que este comportasse a terceira maior população desta ascendência no mundo, sendo a cidade de Curitiba, no Paraná, a segunda cidade fora da Polônia com o maior número de habitantes de raízes polonesas, encontrando-se ultrapassada somente pela cidade de Chicago nos Estados Unidos da América (MENDONÇA, 2007).

¹ Da teoria do “branqueamento”. Ideia bastante aceita no Brasil como método para diminuir a quantidade de negros em território brasileiro a partir da miscigenação, sob crença de que a raça branca correspondia à uma raça superior, sendo os Homens brancos mais inteligentes, bonitos e competentes em detrimento às demais.

O Brasil, em sua diversidade cultural e etnográfica, e por sua dimensão territorial e histórica, concentra uma grande diversidade de imigrantes que formaram aqui suas colônias, o que refletiu na multiculturalidade e diversidade vigente pela qual o Brasil é conhecido.

No entanto, pouco se explora a respeito das ondas imigratórias de “menor porte”, como as de poloneses, por exemplo, de modo que o foco é quase todo voltado às ondas mais extensas, como as de alemães e italianos.

É necessário estudar todos os fluxos migratórios, suas origens, suas motivações, seus impactos e seus reflexos, trazendo à pauta esses grupos que estão atualmente menos evidenciados na memória histórica de grande parte dos indivíduos, visto que estes povos, “menos evidenciados” tiveram importantíssima participação no passado – e no presente.

A cultura polonesa, bem como os descendentes deste grupo, encontram-se, hoje em dia, muito bem enraizados e disseminados no Brasil, de modo que já não são vistos como imigrantes, muito menos divergentes da ideia típica de ‘brasileiro’. Acontece que a atmosfera atual resulta de um processo do passado que muito impactou, não só na história do Brasil, mas também na história da Polônia e, portanto, na Europa como um todo, fazendo refletir no resto do mundo, em seu recorte ocidental, principalmente.

Só que por se tratar de um processo menor e de certo modo, menos disperso do que, por exemplo, as ondas imigratórias alemãs e italianas em território brasileiro, e pelo fato de ele estar fortemente concentrado principalmente no estado do Paraná, o acontecimento não é muito bem aprofundado, especialmente em outras regiões do Brasil senão a região Sul.

A presente monografia abordará os motivos que levaram ao deslocamento das famílias polonesas ao Brasil, bem como o porquê de sua concentração em uma região específica, além de como essa onda impactou no Brasil e em sua relação política e econômica com a Polônia, a partir de uma análise histórica, abordando o contexto e os acontecimentos datados dos períodos específicos.

Por se tratar de uma análise sobre um grupo nacional e etnográfico, e toda a sua trajetória, o trabalho pode se inserir na corrente Construtivista, defendida por Alexander Wendt, que defende a ideia de que há, no sistema internacional, uma interligação entre as normas estabelecidas e os agentes,

que acabam se influenciando de maneira mútua. Ademais, o autor também aborda em sua teoria questões de identidade, que se aplicam convenientemente à questão da imigração abordada nessa monografia, uma vez que a identidade dos atores irá influenciar diretamente nos seus interesses. O autor define que existem quatro tipos de identidades, dentre as quais destaca-se, para o propósito deste trabalho, a de cunho específico, que levam em consideração características singulares de um grupo social, como por exemplo, religião, local de nascimento, regimes estatais, entre outros atributos, sendo capazes de agirem como um referencial ao compartilhamento de valores e opiniões referentes ao grupo em questão.

A partir do entendimento do contexto histórico que pode proporcionar o deslocamento dos poloneses, o trabalho ainda trará à pauta as relações bilaterais existentes entre o Brasil e a Polônia e as perspectivas destas para o futuro, levando em consideração os acontecimentos passados e recentes.

O projeto, portanto, trata-se essencialmente de uma pesquisa bibliográfica, *expost-facto*, de natureza exploratória, elaborada a partir de materiais preexistentes e disponibilizados ao acesso de terceiros, contando com levantamentos e dados qualitativos e estimativas quantitativas.

Este objeto de pesquisa contará majoritariamente com a reflexão e análise de artigos, anais, livros, publicações em jornais, revistas e *sítes* oficiais das autoridades estatais, trazendo fatos de modo que possa viabilizar uma maior familiarização e empatia para com o tema abordado, facilitando seu entendimento.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referido trabalho evidencia e reinterpreta obras, já remotas, de autores pioneiros no estudo em questão, como Edmundo Gardolinski e sua obra “Imigração e colonização Polonesa” (1956), que faz uma análise histórica com base em arquivos governamentais e particulares, visto que o próprio autor era filho de imigrantes poloneses.

Outros autores que servem de base para o dado estudo, como Zdzislaw Malczewski (1998, p.28) apontam como causas da emigração polonesa:

[...] A perda da independência do país, crescimento do perigo individual e comunitário, conflitos armados com os invasores e às vezes como consequências a necessidade de fuga diante das represálias (imigrantes políticos), como também a situação econômica difícil [...].

Ainda segundo Gardolinski (1956), o caráter predominantemente agrário da imigração polonesa no Brasil dá-se pelo fato de que os imigrantes compreendiam, num primeiro período, hegemonicamente, à massa camponesa da Polônia que vinha ao Brasil em busca principalmente de terras, e que era em grande parte analfabeta, enquanto que a denominada elite econômica e intelectual optou por deslocar-se preponderantemente a outras nações, o que de certo modo justifica a carência de documentos desta onda imigratória, em detrimento a outras.

No entanto, a recepção aos imigrantes poloneses não foi fácil. Segundo ilustra Wachowicz (2010), ao chegarem ao Brasil, os poloneses se depararam, ainda que em menor quantidade, com as mesmas nacionalidades que os oprimiam em sua terra natal (como os germânicos, por exemplo). Além disso, Polanczyk (2010) relata, em seu estudo, que havia uma gritante diferença no tratamento por parte do governo brasileiro – enquanto que o governo oferecia proteção e condições favoráveis aos grupos de alemães e italianos, os poloneses eram explicitamente discriminados.

A historiadora e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Regina Weber apresenta um vasto acervo de artigos sobre o tema da imigração polonesa, tais como “Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul” (2012), “Historiografia

da imigração polonesa: entre números e identidades” (2011), “Imigrantes Poloneses no Brasil no Contexto da Dominação Austríaca” (2016), “Disputas pela memória em São Lourenço do Sul: uma visão histórica de representações étnicas” (2010) e “Agentes e Intelectuais étnicos entre Poloneses” (2015), as quais serão usados como material de estudo e análise na presente monografia.

Na sua obra “Historiografia da imigração polonesa: entre números e identidades” (2011), Regina Weber ressalta ainda a complexidade de definição do que seria o “polonês”. A instabilidade étnico-política da região, que será posteriormente ilustrada nesta monografia, acabou gerando uma confusão, dificultando a distinção entre poloneses, lituanos, pomeranos, ucranianos, russos e eslavos, e até mesmo austríacos procedentes da monarquia austro-húngara. Não obstante, questões de cunho religioso e de base aristocrata também afetavam na identificação étnica.

Também serão estudados anais de autoria da Superintendência das Comemorações do Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná, informações oficiais disponibilizadas pelas Embaixadas em seus meios de comunicação, além de outros documentos, como jornais brasileiros e poloneses, informações extraídas em notícias, *blogs* e *podcasts*. “Perfís Polônicos no Brasil” (WACHOWICZ, MALCZEWSKI, 2000); “*Overview of the Poland-Brazil Relations*”² (BRUDZINSKA, 2012); “Guia pela História da Polônia de 966 à 2016” (KAMINSKI, KORKUC, 2016); “Aspectos da Imigração Polonesa no Brasil” (WACHOWICZ, 1970), além dos livros, artigos e autores anteriormente mencionados, contribuíram fortemente para a elaboração da presente monografia.

² “Uma Visão-Geral das Relações entre Brasil e Polônia”

3. CONTEXTO HISTÓRICO

Antes de enfrentar suas crises e tornar-se palco de diversos conflitos e disputas, a Polônia teve seu momento de auge. Sendo até mesmo considerada uma potência econômica por ser grande exportadora de alcatrão, cereais, madeira e serragem para a Europa Ocidental, com destaque para potências ainda maiores, como a Inglaterra, os Países Baixos e a Alemanha, o que conferia à Polônia seu bom status financeiro.

Politicamente, a Polônia estava em harmonia. Não existiam grandes conflitos nem ameaças, salvo pequenos atritos ao norte com a região da Lituânia, mas nada muito ameaçador, até que o elevado crescimento da Polônia acabou despertando o interesse da Prússia, da Rússia e da Áustria, o que fora extremamente maléfico ao país, visto que invasões por estas nações passaram a ser frequentes na Polônia, fragmentando o Estado e o enfraquecendo em todas as esferas.

Ameaçados por esta situação de instabilidade, e sem poder de defesa no mesmo patamar desses países, devido à natureza camponesa de seus cidadãos, somado a grande quantidade já existente de mão-de-obra nas aldeias polonesas, o crescimento demográfico em ascensão, o fato de que não haviam terras garantidas às gerações seguintes, a falta de legislações agrárias no país, o êxodo rural motivado pela mecanização rural, e as perseguições políticas e religiosas recorrentes na região, muitos poloneses começaram a sair de suas terras em busca de uma vida estável, em liberdade, e com dignidade, e foi então quando os primeiros imigrantes poloneses desembarcaram no Brasil, em 1869 (WENCZENOVICZ, 2002).

O fato coincidiu com políticas brasileiras de atração de imigrantes para povoamento, como uma alternativa de substituição da mão de obra escrava - foi neste período que começaram as mobilizações a favor da abolição, muito embora ela só tenha de fato ocorrido oficialmente cerca de dez anos depois; além da intenção de “branqueamento” da nação, que também favoreceu a vinda destas famílias ao Brasil.

Guiados pelo engenheiro Edmundo Wos-Saporski, que percebendo a difícil situação de sua terra-natal e a intenção brasileira de atrair imigrantes, oferecendo boas condições, como a chance de serem proprietários de terras e

aptos a viverem uma vida em liberdade, mobilizou 16 famílias polonesas e liderou sua diáspora à sua nova terra, o que lhe conferiu o status de “pai” da imigração polonesa no Brasil. Essas famílias chegaram à região de Santa Catarina, mas foram depois transferidas ao Paraná, devido à questões climáticas e à já existência de imigrantes alemães naquela região, o que acabou gerando atrito entre os dois grupos de imigrantes, visto que até mesmo na Europa havia uma relação conflituosa entre ambos.

A realocação desse grupo foi relativamente tranquila, pois houve a colaboração do presidente do estado (na época, província) do Paraná. Adolpho Lamenha Lins, com sua conhecida política migracionista, criou incentivos à entrada e estadia de novos imigrantes no estado, independente de suas nacionalidades, para ocupar o vazio demográfico da região. Ele viabilizou o custeio do transporte de portos onde atracavam os imigrantes, como o de Paranaguá (PR) e o de São Francisco (SC) até a cidade de Curitiba, onde passariam a viver. Além disso, Adolfo chegou também a criar diversos núcleos coloniais de natureza agrícola. Por este motivo, as levadas futuras de imigrantes poloneses foram se concentrando em uma determinada região, até formarem sua primeira colônia. As condições estabelecidas por ele em negociação com Edmundo Wos-Saporski, seria de que os custos de transporte da Europa ao continente americano seriam por conta dos próprios imigrantes, mas ao chegarem aqui, estes receberiam um recorte de terra, e auxílio do governo para a compra de utensílios e mantimentos, até que se estabelecessem e pudessem pagar a dívida adquirida.

No entanto, a realidade era cruel para com os camponeses da Polônia, tanto em sua terra natal, como em território estrangeiro, pois eles estavam constantemente expostos descasos, seja por parte de outros grupos de imigrantes provenientes da mesma região, como por parte de outros indivíduos de outras nacionalidades.

Dentro do próprio território polonês, o cidadão camponês, o que correspondia à grande maioria da Polônia, na época, semifeudal, carecia de qualquer privilégio. Sua participação em instituições sociais se limitava à paróquia e à comuna, sendo que nesta última ele sequer podia tomar algum posicionamento, limitando-se ao status de espectador passivo (WACHOVICZ, 1974). Fatores como religião, posição hierárquica, grupo étnico (visto que

dentro da própria Polônia havia uma diversidade de povos, como os pomeranos, rutenos, lituanos, eslavos, etc.) contribuía para o ultraje desse povo, especialmente dentro de seu próprio território.

A política brasileira de atração de imigrantes poloneses se fortaleceu, atraindo cada vez mais famílias, até que de 1890 até 1897, a onda imigratória atingiu seu primeiro auge, sendo este período denominado “febre brasileira”, onde o governo brasileiro viabilizou transporte gratuito aos camponeses que buscavam a locomoção com a finalidade de imigrar para o território brasileiro (WENCZENOVICZ, 2014), sendo este período caracterizado por uma maior dispersão dos imigrantes, que não mais se limitavam à região do Pilarzinho³, em Curitiba, e sim, buscavam agora ocupar outros lugares, de preferência nas redondezas, que ainda não eram muito habitados. Os estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo também receberam imigrantes poloneses, porém, em menor quantidade.

Após este período, houve uma queda no número de imigrantes poloneses no Brasil, e somente em 1906 o número voltou a crescer, o que se justifica pelo momento de desenvolvimento brasileiro. Neste segundo período, o Brasil empenhava-se em construir uma estrada de ferro entre São Paulo e o Rio Grande do Sul e, necessitando mão de obra barata e abundante, retomou suas antigas políticas de atração de imigrantes, a partir da oferta de transporte gratuito a quem quisesse imigrar com este propósito.

De modo a facilitar o entendimento, a onda imigratória polonesa ao Brasil pode se dividir em sete períodos, sendo o primeiro até o ano 1869, correspondendo ao início da emigração em massa; O segundo de 1869 até 1890 compreendendo à primeira fase da emigração; O terceiro sendo de 1890 até 1914, sendo esta chamada de a etapa da febre brasileira, onde a Polônia, dominada na época pela Prússia, Rússia, e pelo império Austro-húngaro, enfrentava uma grande crise interna de problemas sociais e econômicos, que resultaram na queda do preço dos cereais - especialidade polonesa - o que fez com que os agricultores adquirissem grandes dívidas, ao ponto de terem de vender suas terras por não terem mais condições financeiras. Isso tudo coincidiu com a forte propaganda do Brasil para atrair imigrantes, que serviriam

³ Primeira colônia polonesa do Brasil

como mão-de-obra barata, oferecendo grandes regalias, como terra e oportunidade, justamente o que os camponeses poloneses queriam. Isso acabou atraindo cerca de trinta mil imigrantes poloneses a se deslocarem para o Brasil neste período; O quarto, contado entre 1914 e 1920, considerado o período de queda da emigração devido à ocorrência da I Guerra Mundial e os acontecimentos vigentes em território brasileiro⁴; O quinto, que perdurou até 1939, correspondendo a uma etapa que ficou conhecida como “emigração dirigida”, que ocorreu logo ao fim da 1ª guerra e se relacionava diretamente com ações do Estado Polonês; O sexto, datado de 1939 a 1945, compreendendo a etapa dos refugiados de guerra, que contava com a orientação por convênios entre o governo brasileiro e organizações internacionais (ROLFSEN, BASTOS, 2009) e, por último, a etapa contemporânea, com início no ano de 1945. (WENCZENOWICZ, 2014 apud SMOLANA, 1996).

Apesar da tentativa de se livrar dos problemas provenientes em sua terra ao imigrar para o Brasil, os poloneses estavam longe de ter tranquilidade. A adaptação não foi fácil, especialmente durante o período de 2ª Guerra Mundial, visto que o então presidente, Getúlio Vargas, além de obter políticas de nacionalização, apresentava, em seus discursos, a princípio, um alinhamento à Alemanha, e considerando-se que a Alemanha e a Polônia eram rivais, havia, na prática, certo “desinteresse” por parte do governo brasileiro quanto aos poloneses, especialmente se comparada à atenção prestada aos imigrantes alemães. A assistência e disposição prestada por ele divergia muito de um grupo ao outro. Portanto, havia perigo aos poloneses tanto dentro de sua própria terra, como fora dela.

Até este momento de agitação mundial, os imigrantes poloneses no Brasil eram extremamente “dispersos” ideologicamente. Não existia até então um sentimento de união entre eles, mas havia divergências quanto a grupos étnicos pertencentes, posicionamentos políticos e, principalmente, religião. Por este motivo, entidades políticas e intelectuais defendiam fortemente a presença de “agentes intelectuais e étnicos” que pudessem criar e estimular um sentimento de “polonização” nos imigrantes, a partir da construção de uma

⁴ Estado Novo de Vargas - nacionalização do Brasil e, portanto, proibição de publicações em língua estrangeira e de culturas não-brasileiras.

identidade pela ideia de homogeneidade e de uma origem comum, para que todos se sentissem, apesar das diferenças, pertencentes à nova terra.

Para isto, a presença do clero e de entidades religiosas, especialmente em sociedades polonesas, era de grande importância, pois ao mesmo tempo em que a igreja era fundamental para manter a identidade polonesa viva, tanto no Brasil como na Europa durante a época das invasões, servindo como centro comunitário vital e, assim, evitando a “despolonização”, e por representar autonomia da comunidade polonesa no Brasil, ela também era fortemente enfraquecida, pois isso estimulava a “nova sociedade” a emergir novas iniciativas e lideranças que descentralizavam o poder religioso polonês.

Há, portanto, de se enaltecer a presença vicentina em solo brasileiro, pois a mesma, em seu papel de fortalecedora da identidade, fundou escolas, associações culturais, corais, teatros e, nas décadas cinquenta e sessenta, grupo folclórico e emissoras de rádio, não se limitando somente a questões de cunho religioso, mas também contribuindo social e culturalmente com o fortalecimento da “polonidade” almejada. Seu raio de ação ultrapassava os limites do estado do Paraná, chegando até a estender-se a outros Estados do país, principalmente Rio Grande do Sul e Santa Catarina (BIERNASKI, 2003).

E dentro de uma onda de incentivos culturais e resistência da cultura polonesa, entre 1920 e 1950 o Padre Góral manteve seus esforços na construção de dicionários e gramáticas de português para os poloneses e em polonês para os brasileiros, contribuindo para a integração dos imigrantes à nova pátria. (BIERNASKI, 2002). No entanto, devido ao cenário brasileiro de Estado Novo, publicações em língua estrangeira foram proibidas, o que obrigou o jornal no qual o Padre Góral trabalhava, o *Lud*, fazer um hiato. Quando o jornal pode retornar a circular, haviam publicações mistas entre o português e o polonês, e suas tiragens estavam, agora, reduzidas à metade. No entanto, essa nova edição, que começou a vigorar a partir de 1940, contava com um autor não religioso, que propunha, com o novo *Lud*, criar no povo polonês, amor pelo Brasil, estimulando a nacionalização e a construção da “nova raça”. Isso demonstrou enfim uma parceria laico-religiosa de heterorreconhecimento de identidade (WEBER, 2015 apud GIMENEZ, 1997), ou seja, o reconhecimento dos polonos-brasileiros pela sociedade brasileira.

3.1. As relações consulares polônico-brasileiras

Acerca da representatividade consular, a Polônia também sempre esteve muito atrás em comparação a outras ondas migratórias, essa relação e esse apoio era ainda bastante abstrato devido às oscilações políticas do Estado polonês, sempre alvo de potências vizinhas, portanto, a condição de apátridas é sempre levada em consideração quando em referência aos poloneses imigrantes (WEBER, 2015 apud STAWINSKI, 1976).

Politicamente, o fato de terem um cônsul, ou seja, uma representação era extremamente gratificante aos imigrantes poloneses no Brasil.

O 1º cônsul polonês, Kazimier Gluchowski foi recebido com tamanha alegria, onde “o sentimento patriótico dos poloneses vibrava com a vinda dessa primeira autoridade. Julgavam que, de agora em diante, os poloneses e a Polônia seriam iguais aos outros povos e nações” (WACHOWICZ, MALCZEWSKI, 2000). Sua chegada fora um feito tão grande que até mesmo entidades representativas dos poloneses que se atritavam no Rio Grande do Sul, puseram suas diferenças de lado e se uniram em uma comissão para organizar a recepção para Gluchowski (WEBER, 2015 apud GRZESCZAK, 2010). Em suas próprias palavras, Gluchowski afirmou que “[...] a vinda dos representantes diplomáticos e consulares, deram destaque ao orgulho do sentimento nacional, que despertou mesmo dentro daqueles que haviam esquecido o polonismo [...]”. (GLUCHOWSKI, 2005)

Grande promotor da cultura e da inclusão dos poloneses ao Brasil, as práticas de Gluchowski continuaram fortemente mesmo com o fim do seu mandato. Chegou até mesmo a ser criada a União Central dos Poloneses no Brasil (*Centralny Związek Polaków w Brazylii* ou CZP), que buscava integrar tudo e todos de todos os lados.

No entanto, a CZP não chegou a vigorar por muito tempo, pois quando Roman Staniewicz assumiu o posto de cônsul entre 1932 e 1934, ele aderiu à ala anticlerical, o que acentuou antigas divergências, resultando no rompimento definitivo no âmbito da CZP (WACHOWICZ, MALCZEWSKI, 2000).

Ocorre que, com a invasão russa à Polônia no fim da Segunda Guerra e a instalação do regime comunista, o governo polonês se dividiu em dois, sendo um situado na Polônia e outro em exílio em Londres, tendo este segundo um

posicionamento contrário ao regime, atraindo, portanto, mobilização do Brasil e de seus imigrantes em seu apoio.

Por ser obrigação dos cônsules representarem o país, independentemente do regime ou cenário o qual o país esteja inserido, houve um grande afastamento dos imigrantes com estes, uma vez que não se sentiam representados e, portanto, um enfraquecimento de sua ligação com sua terra de origem.

O enfraquecimento foi tamanho, que o Consulado Polonês em Porto Alegre teve que fechar suas portas, e a embaixada, que era alinhada ao regime comunista, sofreu um manifesto em 1951 por parte dos imigrantes que, em protesto, reafirmaram sua fidelidade ao governo polonês instalado em Londres, não alinhado ao regime comunista. (WEBER, WENCZENOVICZ, 2012). É este contexto que irá favorecer a liderança de Edmundo Gardolinski, o mais notável agente étnico polonês do Rio Grande do Sul (WEBER, WENCZENOVICZ, 2012).

4. QUESTÕES ÉTNICAS

Mensurar a quantidade exata de imigrantes poloneses que entraram em território brasileiro compreende a uma atividade extremamente complicada, devido às circunstâncias da época e a imprecisão dos dados.

Saber de fato quem pode ser caracterizado como polonês é um trabalho árduo, pois questões de identidade são sujeitas a serem constantemente reelaboradas, a depender do contexto nas quais estão inseridas. Poder se auto definir como pertencente a um grupo específico é de suma importância e necessidade para com a liberdade na vida em sociedade, porém, não é fácil definir algo tão pessoal referente à forma como cada um se identifica, em suas histórias e particularidades, e é nesse sentido que discussões contemporâneas sobre identidade se categorizam como auto atribuição (WEBER, 2011 apud BARTH, 2000).

É importante ressaltar que havia várias pequenas etnias que foram englobadas por grupos migracionais maiores, como os de alemães. Podem ser mencionados os rutenos (ucranianos), pomeranos, galícios, silesianos, entre vários outros. Inclusive, os próprios poloneses tiveram frequentemente que entrar em território brasileiro portando passaporte ou cidadania alemã, austríaca ou russa, e assim permaneciam registrados nos bancos de dados e de estatísticas governamentais (WEBER; ZALESKI, 2016 apud WACHOWICZ 1981).

Um pequeno exemplo pode ser dado quando os poloneses provenientes da área de Poznán entravam como alemães no Brasil, enquanto que os provenientes da região da Galícia entravam, juntamente com italianos e croatas, como austríacos (WEBER; ZALESKI, 2016 apud DVORAK, 2013). Pelo grande número de imigrantes poloneses que adentraram no país deste modo, pode se estimar que cerca de 25% do total de alemães que imigraram para o Brasil possam ser, na verdade, poloneses. (WACHOWICZ, 1999).

Devido à incompatibilidade com os números e as manifestações principalmente culturais dos poloneses entre 1885 e 1927, Edmundo Gardolinski realizou um estudo no qual ele chegou a alguns questionamentos que devem ser considerados. Primeiramente, ele defendia que as populações

da Silésia e da Pomerânia, regiões que foram anexadas pela Alemanha, poderiam ser constituídas de poloneses; Outra consideração era o fato de haver um elevado número de russos nas estatísticas oficiais, sendo que não haviam manifestações da cultura russa. Ao observar esses grupos e notando a presença de falantes ucranianos e rutenos, chegou à conclusão de que isso indicava a existência de poloneses nesses conglomerados; Ele também ressalta que há a necessidade de considerar que muitos austríacos são, na verdade, poloneses procedentes da monarquia austro-húngara, inclusive o próprio pai dele, Mariano Gardolinski, era um imigrante polonês que veio ao Brasil com o cargo de funcionário do Consulado Austríaco, sendo transferido ao estado do Paraná para realizar o acompanhamento dos agricultores poloneses na região. (GARDOLINSKI, 1956).

Há, portanto, uma confusão que se expande, ultrapassando meras questões fronteiriças e transbordando inclusive à religião e cultura quando se dado o trabalho de identificar etnias presentes.

Crer em determinada religião iria influenciar diretamente em qual grupo étnico alguém estaria inserido, como era o caso dos católicos provenientes da Pomerânia de domínio alemã, que são considerados poloneses (PYZIK, 1944; WACHOWICZ, MALCZEWSKI, 2000).

4.1. Ascensão e queda da Polônia

Antes de ter seu território fragmentado e servir de cenário para os conflitos e disputas dos seus vizinhos, a Polônia passou por diversas transformações, oscilando do maior país da Europa (MATSUKI, 2006) para um país inexistente.

Em linhas gerais, a Polônia arcaica, em sua origem, pode ser traduzida como um conjunto de povos e etnias residentes no recorte espacial correspondente àquela região, administrado por governantes que adotaram como sua religião o cristianismo, e que por sua vez, convertiam seus habitantes em cristãos.

A união e separação desses povos é o que resulta, hoje em dia, no que conhecemos como Polônia, e é visando entender o presente que se considera

pertinente uma breve abordagem da história da Polônia e suas redivisões territoriais, ocasionadas pelos mais diversos motivos.

4.2. Os primórdios da Polônia

Sob domínio da dinastia Piast, a Polônia compreendia a um território fragmentado em vários pequenos Estados com duques que, inclusive, brigavam entre si, o que enfraquecia a região e a deixava vulnerável a ataques que pudessem vir a ocorrer.

De fato, quando os mongóis invadiram não só a Polônia, mas também outros territórios, a Polônia foi tão fragilizada que se evidenciou a necessidade impreterível de unificação e fortalecimento da região, a fim de evitar novos episódios como este.

Somente em 1333, quando Kazimier III assumiu o poder, a Polônia poder ser considerada, de fato, unificada. Conhecido como “Casimiro⁵, o grande”, foi o último governante da dinastia Piast. Havendo herdado do seu pai Wladislaw I um reino enfraquecido por guerras, Kazimier conseguiu contornar a situação e transformá-lo num reino próspero, rico e extenso, devido à conquista de territórios vizinhos.

Dentre seus feitos, ressalta-se a reforma por ele proposta ao exército e ao sistema administrativo, civil e criminal polonês, aprovando códigos jurídicos desses aspectos (KAMINSKI; KORKUC, 2016). Obtendo vitória nos conflitos, Kazimier conseguiu mais do que duplicar o território polonês (conforme ilustrado na Figura 1) anexando ao seu sítio, inclusive, a região que hoje corresponde à Ucrânia. Organizou encontros de reis na Cracóvia, mandou construir cerca de 50 edificações e reformou igrejas já existentes, além de ter fundado em 1364 a Universidade de Cracóvia, que perdura até hoje.

⁵ Versão em português do nome Kazimier

Figura 1 - Mapa da Polônia durante o reinado de Kazimier III (1333 - 1370)



Fonte: Ilustrowany atlas historii Polski, wyd. Demart, Warszawa 2006

Ademais, Kazimier teve suma importância no que tange aos direitos dos judeus em território polonês, garantindo a eles proteção e privilégios, encorajando-os a permanecerem na Polônia, e punindo quando houvesse crimes contra o grupo, como por exemplo, estabelecendo a pena de morte em caso de sequestro de crianças judias para a sua conversão forçada ao catolicismo, através do batismo. Apesar de sua religião católica, essa abertura se deu, principalmente, devido à relação que Kazimier mantinha com sua amante, Esterka, uma judia polonesa que aguçou a consciência do rei, agindo como uma conselheira em diversos aspectos, mas principalmente, fazendo com que ele se sensibilizasse quanto a seu povo judeu e tomasse medidas extremamente positivas e favoráveis aos mesmos (COHEN, 2015).

Ao final de sua vida, em 1370, Kazimier não havia deixado herdeiros, o que fez com que ele designasse para substituí-lo como governante da Polônia,

seu sobrinho húngaro, Luís I, o que significou a união dos reinos húngaro e polonês. Apesar de ter sido um grande rei na Hungria, algumas de suas políticas, principalmente as que davam maior enfoque na parte húngara, não agradavam a *zlachta*⁶ polonesa. Ciente disso, Luís I buscou contornar a situação, oferecendo regalias à nobreza, como a isenção dos pagamentos de impostos, ampliação da definição de nobreza, fim do direito do rei de criar novos impostos, podendo estes somente serem criados com a aprovação da nobreza, pagamento do rei aos nobres em caso de ferimentos ou aprisionamentos em conflitos, etc, visando garantir que, ao fim de sua vida e de seu reinado, uma de suas filhas pudessem lhe suceder. E assim o fez. Em 1382, após a sua morte, os reinos voltaram a ser separados e enquanto sua filha, Maria, assumiu o trono da Hungria, sua outra filha, Jadwiga⁷ assumiu o trono polonês.

4.1.1. A ordem teutônica e revoltas

Visando cessar os prussianos em seu território (que naquela época, eram tribos pagãs politeístas), os poloneses contaram com o auxílio dos Cavaleiros Teutônicos, que compreendiam a uma ordem militar cruzada alemã, com vínculo direto com a igreja católica, que possuía bastante prestígio e oferecia serviços hospitalares e de cavalaria.

Ao chegarem na região da Prússia, um pouco mais a norte, os teutônicos notaram a presença de outra ordem católica que já estava no território, a Ordem da Livônia, que era uma ordem bastante agressiva e sem muitos recursos, pois estavam fora da zona convencional de comércio. Em sua hostilidade, os livônios foram batalhar na Lituânia⁸. Os cavaleiros da Ordem da Livônia perderam e acabaram se unindo aos teutônicos. E assim seguiram conquistando terras e convertendo-as ao catolicismo por toda a Europa.

Em grande revolta, a resistência pagã da Prússia organiza uma reação ao ver que seu paganismo está sendo dizimado. Eles se articulam e invadem a Lituânia, a fim de fazer com que o Grã-duque Mindaugas volte atrás com sua

⁶ Classe dos nobres da Polônia

⁷ Em português: Edviges de Anjou

⁸ Batalha de Schaulen (1236)

conversão ao catolicismo e volte a ser pagão e assim, conseqüentemente, a Lituânia também volta a ser pagã. O que passa a representar um perigo à Ordem Teutônica.

Ocorre que, na euforia da revolta, os pagãos atacam até mesmo grupos neutros e pagãos, despertando revolta no povo em prol dos Teutônicos, que vencem a batalha e, finalmente, conquistam a Prússia, que passa a ser católica e, portanto, dominada pelos teutônicos, fato este que incomoda muito o Reino da Polônia, uma vez que passa a ser uma ameaça à sua estabilidade.

Os atritos entre poloneses e teutônicos (germânicos), no entanto, já eram vigentes. Quando Wladislaw I pediu o apoio dos teutônicos em 1320 e não pôde, posteriormente, arcar com os custos elevados cobrados pelos teutônicos pela assistência. Apesar de ainda serem aliados, os teutônicos se voltaram, de certo modo contra os poloneses e vice-versa, fazendo emergir um sentimento anti-germânico na região, de desconfiança e desconsideração mútua, uma vez que, na visão dos poloneses, os teutônicos haviam aproveitado o momento de fragilidade da Polônia para tomar Danzig⁹ para eles próprios, como forma de punição pelo não pagamento da dívida contraída, posto que esta cidade mostrava-se como sendo um ponto bastante estratégico devido à sua localização próxima ao litoral.

Vítima das invasões e guerras teutônicas, e temendo a expansão do Grão-Ducado da Moscóvia¹⁰, os lituanos se uniram à Polônia através da União de Krewo, que compreendeu à uma espécie de acordo que continha promessas de um reino ao outro, pelo casamento de Jagiello (até então governante da Lituânia) e Jadwiga, rei¹¹ da Polônia, sob a condição de converter-se ao catolicismo para tal, pois Jagiello era até então um pagão, enquanto Jadwiga era católica. Jagiello foi então batizado, passando a se chamar Wladislaw II Jagiello. O casamento gerou a união dos dois reinos e deu início à Dinastia Jaguelônica, que foi considerada por muitos um período muito próspero, sendo até mesmo chamada de Era de ouro e de expansão da

⁹ Cidade da Pomerânia (Polônia). Atual Gdansk.

¹⁰ Atual Moscou

¹¹ Apesar de ser mulher, Jadwiga foi coroada rei, pois na época, "rainha" era o nome dado à esposa do rei, que era quem governava de fato. No entanto, Jadwiga era a governante mesmo sem ser casada com ninguém, o que causou a confusão na nomenclatura, mas não excluiu seus feitos, prestígios e reconhecimento como governante do Reino da Polônia.

Polônia, pois refere-se à união da Polônia com a Lituânia e o período quando a Polônia passou a ser, de fato, uma grande potência europeia.

Foi durante o reinado de Jagiello que a Polônia conseguiu, enfim, derrotar a Ordem Teutônica definitivamente. Após a morte de sua esposa Jadwiga, Wladislaw II Jagiello passou a ser o rei oficial da Polônia-Lituânia.

4.1.2. Batalha de Grunwald e vitória dos poloneses sobre a Ordem Teutônica

Enquanto Jagiello se destacava como rei dos dois reinos, e começava a ganhar prestígio e reconhecimento na Polônia após a morte de sua esposa Jadwiga, Vytautas, seu primo, seguia na Lituânia como grã-duque substituto, aplicando uma política autônoma e independente.

A princípio, Vytautas e Jagiello possuíam desavenças e estavam constantemente em atrito, dessa forma, Vytautas possuía aproximação com a Ordem Teutônica. Após uma reconciliação com Jagiello e, enfim ter recebido autonomia para seguir governando a Lituânia, Vytautas selou uma aliança com seu primo, que serviu como uma peça chave para a vitória da Polônia contra os Teutônicos.

Não obstante a relação entre Vytautas e os teutônicos, havia, por parte dos cavaleiros da Ordem, longos anos de invasão à Lituânia e domínio da Samogícia, importante região na geografia e história lituana. Ao unir-se com a Polônia, emergiu um anti-teutonismo onde ambos Lituânia e Polônia visavam recuperar sua soberania, estabilidade e seus territórios que haviam sido ocupados pela Ordem (KIAUPA, 2000).

Conforme a Polônia negou neutralidade na questão dos Teutônicos com a Samogícia e a Lituânia, declarando apoio à causa lituana, o Grão-mestre da Ordem Teutônica, Ulrich Von Jungingen, declarou guerra à ambos Polônia e Lituânia.

O evento fora denominado Batalha de Grunwald, e compreendeu de fato a um divisor de águas na história e configuração europeia onde, segundo o jornal *Polska Times* (2010), a Polônia deixou de ser da periferia, para ser parte do centro da Europa. Usando de uma estratégia de espera e fortalecimento

antes do ataque, Jagiello conseguiu unir forças tártaras, moldavas, sérvias, tchecas e silésias a seu favor (RZYSKI, 2010), além de, evidentemente, as tropas lituanas e polonesas. A técnica usada por Jagiello, fora mandar as tropas mais fracas e despreparadas primeiro, de forma que dispersasse o exército teutônico. Tendo feito isto, essas tropas recuaram, atraindo os teutônicos a uma espécie de emboscada, onde o grande batalhão de cavalaria pesada e organizada, de maioria polonesa estava à espera, prontos para atacar. Desta forma, o exército de Jagiello saiu em vantagem e ganhou a disputa. Apesar de estarem sobre o comando de Wladislaw II Jagiello, foi Vytautas quem participou efetivamente da batalha, mantendo a Polônia e a Lituânia unidas (BATURA, 2010 apud JUCAS, 2009).

A derrota dos teutônicos fora um episódio surpreendente da história, e que remodelou toda a estrutura e balança de poder europeia, fazendo com que a união “polaco¹²-lituana” se tornasse a hegemonia política e militar da região (EKDAHL, 2008) (figura 2) até a criação de fato, em 1569, da República das Duas Nações¹³, que assim perdurou até 1795, quando a Polônia deixa de existir como um país.

¹² Termo homogeneizante e de conotação negativa que simplificava a multiétnica da região, considerando todas as etnias como uma só.

¹³ União de Lublin – originou uma grande república que englobava a Polônia, Lituânia, Bielorrússia, Letônia, e parte da Ucrânia, Estônia e Rússia.

Figura 2 - A Polônia em 1635



Fonte: Esemono, 2009

4.1.3. Retomada das invasões e desconfiguração da Polônia

Ao fim da Dinastia Jaguelônica, o último rei, Zygmunt II August¹⁴ teve um importante papel ao firmar a União de Lublin, que oficializou a união entre a Polônia e a Lituânia, a partir da criação da chamada “República das Duas Nações”. Tal feito representou a primeira união da Europa entre duas nações firmada “em paz”, atendendo às vontades dos cidadãos (KAMINSKI; KORKUC, 2016).

A posteriori, começaram na República das Duas Nações uma série de conflitos e invasões que assolaram a mesma. O episódio ficou conhecido como “O Dilúvio” e compreendeu, em linhas gerais, às invasões suecas e russas, especialmente da região de Moscou. O resultado do dilúvio fora a perda de grande parte do território polonês e de seu status como potência europeia.

¹⁴ Quando traduzido ao português, Sigismundo II Augusto.

Além dos conflitos decorrentes, a República passou por grande mazela também no sentido econômico, uma vez que os mercados ocidentais da Europa estavam abarrotados com importações das colônias, resultando no declínio das exportações de produtos poloneses, que eram majoritariamente rurais.

A situação caótica instaurada na Polônia, acentuada ainda pela desorganização das instituições nacionais e falta de centralização do poder, ocasionado pela *zlachta* e pelo *sejm*¹⁵ com a adoção do *liberum veto*¹⁶, desintegraram o país e o emergiram a uma atmosfera caótica. Externamente, a situação decadente da polônia despertava grande interesse da Rússia, Áustria e Prússia, potências em ascensão, que intentavam cessar quaisquer tentativas de reestabilização polonesa, fazendo permanecer a anarquia na região, transformando a Polônia numa “área-tampão” entre os países (KAMINSKI; KORKUC, 2016).

A eventual degradação da região resultou em 1772 na chamada “Primeira Partilha da Polônia”. Com a Polônia cada vez mais fraca e desestabilizada e a Áustria, Prússia e Rússia mais fortes, houve a repartição entre os três países de cerca de 30% do território da República das duas Nações, causando a ela a perda de cerca de um terço de sua população, como apresentado na figura 3.

¹⁵ Parlamento polonês

¹⁶ Significando “veto livre”, correspondia a um mecanismo parlamentar onde qualquer deputado da câmara (*sejm*) poderia, deliberadamente, vetar a sessão, encerrando-a e anulando o que fora acordado.

Figura 3 - A Polônia em 1772



Fonte: Esemono, 2009

Apesar das resistência remanescente e das tentativas de revoltas, como foi a Batalha de Raclawice¹⁷, que contou com importante engajamento dos camponeses, não houveram grandes mudanças no cenário no qual a República de Duas Nações estava inserida, o país continuou perdendo, gradativamente, parcelas de seu território para as nações vizinhas até que, em 1795, as forças internas polonesas já não se sustentam mais e ocorre a Terceira e última partilha da Polônia, culminando no desmembramento da República e assim, conseqüentemente, o fim da Polônia como um país por mais de um século (Figura 4).

¹⁷ Batalha pela independência e proteção do território polonês, contra as invasões russas e prussianas durante a segunda partilha da Polônia. Liderada por Tadeusz Kościuszko, a batalha se destaca, pois, contou com o engajamento dos camponeses poloneses que, mesmo sem preparo, se armaram e foram ao combate.

Figura 4 - A Polônia em 1795



Fonte: Esemono, 2009

Ainda assim, a resistência permaneceu de modo que na Era Napoleônica, com as vitórias de Napoleão sobre a Prússia, Áustria e Rússia, os Poloneses conseguiram recuperar um pouco de sua autonomia a partir do Principado autônomo de Varsóvia, que vigorou entre os anos 1807 e 1815. Entretanto, todo o esforço prestado fora interrompido com a derrota de Napoleão frente à Rússia.

Com a derrota da Polônia, o poder russo na região se fortaleceu. Mais parcelas do território que antes correspondia à Polônia tornou-se de jurisdição russa. Doravante isso, também aumentaram as repressões e a “russificação” da sociedade polonesa. Do lado germânico, o mesmo ocorreu com a germanização dos poloneses. No período de repressão, a Polônia não somente sofreu culturalmente com as perseguições religiosas especialmente no que diz

respeito ao *Kulturkampf*¹⁸ germânico, que chegou a prender vários padres católicos poloneses, bem como a língua polonesa, que já não era mais trabalhada nas escolas, mas também em outros aspectos, como ocorreu quando os agricultores poloneses tiveram suas terras expropriadas (KAMINSKI; KORKUC, 2016).

4.1.4. Ressurgimento da Polônia e guerras mundiais

Finalmente, com a queda do Czar russo, Nicolau II, em 1917, cerca de 120 anos após a terceira partilha polonesa, a Polônia volta a existir como país, ainda que sob a condição de estar em união com a Rússia.

Apesar da condição estabelecida, a Polônia mostrou sua determinação em recuperar sua autonomia ao apoiar a (também recém-criada) Ucrânia, que mal havia se reinventado e já estava sofrendo novos ataques, dessa vez dos bolcheviques, que já tomavam quase todo o território ucraniano. Foi a partir deste momento que a Polônia passa a desempenhar um importantíssimo papel na Revolução Russa.

Descontentes com a posição tomada pela Polônia, os soviéticos decidiram atacá-la em 1920. Na disputa, os poloneses haviam firmado uma aliança com os ucranianos, possibilitando o recuo das tropas bolcheviques. Contudo, as tropas soviéticas não desistiram e, mais uma vez, atacaram os poloneses, ocasionando a Batalha de Varsóvia, onde o lado Polonês saiu vitorioso, proporcionando mais uma vez uma mudança na configuração vigente, ocasionada pelo fim da marcha bolchevique em direção ao oeste, impedindo que o regime comunista fosse espalhado por toda a Europa (KAMINSKI; KORKUC, 2016), e assim, culminou também a assinatura do Tratado de Paz de Riga¹⁹.

¹⁸ Significando literalmente luta pela cultura, o *Kulturkampf* compreendia ao conflito germânico acerca do papel da religião na esfera política da sociedade. Ocorre que, com a interferência alemã na Polônia, e o sentimento de antipatia que ambos tinham pelo outro, o movimento acabou, indo além de seus reais propósitos, tomando muito mais uma postura nacionalista, impondo severas repressões principalmente a padres poloneses (ALMEIDA; ZULIAN, 2014).

¹⁹ Tratado que selou o fim da guerra entre Rússia e Polônia e redefiniu as fronteiras entre ambos, permanecendo em vigor até o advento da Segunda Guerra Mundial (KAMINSKI; KORKUC, 2016).

A vitória da Polônia sobre a Rússia provou mais uma vez a força e resiliência da Polônia, bem como seu empenho e dedicação por sua autonomia e a luta contra a perda de sua independência.

Todavia, o desempenho polonês na Batalha de Varsóvia não foi o suficiente para trazer estabilidade e paz à Polônia. Apesar de ter recuperado seus territórios previamente tomados pela Rússia e Alemanha (Figura 5), a Polônia ainda assim passava por maus bocados, pois a revolução russa e as tropas bolcheviques impossibilitaram o comércio habitual com a Rússia, e do lado germânico, a Alemanha promovia uma espécie de guerra cambial contra a Polónia (KAMINSKI; KORKUC, 2016), para que ela estivesse imersa em uma crise econômica que a impossibilitasse de se restabelecer e assim, ameaçar as nações vizinhas.

Figura 5 - A Polônia em 1920



Fonte: Esemono, 2009

Ademais, após o reaparecimento da Polónia como país, apenas cerca de 70% da sua população era, de fato, polonesa católica. O restante da

população consistia de minorias, com destaque para os judeus, ucranianos, bielorrussos e alemães (KAMINSKI; KORKUC, 2016).

4.1.4.1. Segunda guerra mundial e contemporaneidade

Após um período de certa estabilidade, a Polônia mais uma vez esteve ameaçada devido aos seus vizinhos de políticas totalitárias. De um lado, a União Soviética com Josef Stalin, e do outro, a Alemanha com Adolf Hitler. Segundo os autores Lukasz Kamiński e Maciej Korkuc:

Ambas consideravam a Polônia um empecilho na realização de seus objetivos ideológicos de longo prazo. Para Stalin, a República impossibilitava os planos de ampliação da revolução para a Alemanha e todo o continente. Para Hitler, a Polônia limitava as posses alemãs no Leste e era uma barreira para os planos nacional-socialistas de reobter áreas alemãs de loteamento.

Para tanto, a Polônia assumiu, em sua política externa, o posicionamento de distância equilibrada entre as duas nações destacadas, firmando acordos de não agressão entre ambas em prol da neutralidade e defesa de sua soberania, uma vez que qualquer alinhamento corresponderia a alguma situação ameaçadora para a Polônia em qualquer dos lados.

A neutralidade polonesa contribuiu para um período de modernização e desenvolvimento da economia nacional, criando novos portos, como por exemplo, o da cidade de Gdynia e centros industriais, chegando a empregar mais de 100 mil pessoas (KAMINSKI; KORKUC, 2016). As novas políticas de modernização visavam transformar a Polônia de, inicialmente um país essencialmente agrícola, para uma economia mais moderna e industrializada.

Ainda em 1919, Alemanha e a União Soviética assinaram o pacto de não agressão entre ambos, chamado Tratado de Molotov-Ribbentrop, que secretamente dividia o território polonês entre as duas potências.

Com o passar do tempo, a Alemanha totalitária de Hitler foi ganhando forças e começou a fazer solicitações territoriais à Polônia, que negou veementemente todas elas, mantendo sua neutralidade e autonomia, até que em 1939, a Alemanha invadiu a Polônia a norte e oeste, focando todas as suas forças nessa invasão. Cabe ressaltar que a Polônia possuía alianças com a

França e com a Grã-Bretanha, de ajuda mútua no caso de ataques. Ocorre que com o advento das invasões, ambos ficaram inertes perante a Polônia devido à política de apaziguamento que pairava na época. Por conseguinte, coube à Polônia resistir sozinha às ocupações e lutar sem apoio algum por cerca de cinco semanas. A resistência polonesa, apesar de não ter derrotado a Alemanha nazista, contribuiu para que esta não pudesse dar continuidade imediata a suas investidas em direção ao ocidente.

Como bem observam Kaminski e Korkuc, o posicionamento de estagnação da França e Grã-Bretanha durante o início das invasões alemãs na Polônia extinguiu a chance de derrotar a Alemanha no início de suas investidas, o que, caso efetivado, poderia ter evitado a dimensão tomada na 2ª guerra que hoje bem conhecemos.

Sem bonança, enquanto era ocupada pela Alemanha a norte, leste e sul, a Polônia era invadida simultaneamente pela União Soviética a leste. O país estava mais uma vez sumindo do mapa, e como forma de se proteger, o governo se exilou provisoriamente nos territórios de seus aliados. A princípio, o governo se sediou na França e, posteriormente, na Grã Bretanha (KAMINSKI; KORKUC, 2016). Sem o empecilho do governo polonês, Hitler pôde instalar no centro do território invadido a Governadoria Geral alemã, enquanto o restante da região era dividida com a União Soviética (Figura 6).

Figura 6 - A Invasão da Polônia em Setembro de 1939



Fonte: Guia pela História da Polónia de 966 à 2016 (KAMINSKI; KORKUC, 2016)

Não bastassem as ocupações, os cidadãos poloneses sofreram vigorosamente com as represálias dos invasores. Do lado soviético, vários poloneses foram transferidos à força para as zonas de interior da União, onde eram obrigados a trabalhar como escravos e viverem em situação de miséria, até o ponto em que as ocorrências culminaram em suas mortes. Do lado germânico, judeus poloneses eram conduzidos à guetos, de forma que fossem marginalizados da sociedade, o que serviu como primórdio para o que viria a ser, posteriormente, o holocausto.

Em 1940 do lado soviético da ocupação, ocorreu um evento revoltante na história, o homicídio mandado pelo governo soviético de mais de 20 mil pessoas polonesas, entre elas professores, artistas, pesquisadores, oficiais e autoridades públicas polonesas que estavam detidos no recorte soviético. O episódio ficou conhecido como Massacre de Katyn (SANFORD, 2005)

Apesar da difícil situação, a Polônia resistia bravamente a partir da criação de centros secretos de conspiração, que recriaram partidos políticos, retomaram o ensino e até mesmo imprimiam revistas e jornais diários, tudo secretamente. Houve também nesses centros conspiratórios a criação da *Armia Krajowa* (chamada AK), uma força de combate tida como exército nacional da resistência, que era extremamente competente, sempre repassando informações aos aliados ocidentais acerca da movimentação de tropas alemães na Polônia.

Com o crescimento da guerra e o fortalecimento da Alemanha nazista, Hitler burlou o acordo de Molotov-Ribbentrop em 1941 na chamada Operação Barbarossa, e tomou a parte russa da Polônia, passando a ter a posse total do território. Agora sendo vítima, a URSS passou a integrar o outro lado da batalha, em aliança com a Grã-Bretanha.

Agora como um aliado, as relações entre Polônia e União Soviética puderam, por um breve período, se amenizar. Houve, por parte da República da Polônia, a assinatura de um acordo que visava retomar as relações bilaterais entre os países. Do lado soviético, houve a promessa da libertação de poloneses aprisionados (KAMINSKI; KORKUC, 2016). Apesar do aparente apaziguamento, a Polônia estava ciente que, independente do rumo que a história estava tomando, a União Soviética continuava sendo uma ameaça à autonomia e independência polonesa.

A guerra foi crescendo cada vez mais, e a Alemanha nazista seguia se fortalecendo e estremecendo suas práticas cada vez mais violentas. Quando em 1942 o extermínio de judeus tornou-se um fato, a Polônia foi obrigada a pagar o preço pelo seu não alinhamento com a Alemanha, o que serviu como um prato cheio para Hitler, visto que haviam cerca de 3 milhões de cidadãos poloneses de religião judaica. Diante do fato, a Polônia acaba, mais uma vez, se tornando palco principal do conflito, sendo o centro do holocausto. (KAMINSKI; KORKUC, 2016)

Agora alastrado pela Polônia, o nazismo ganhou grandeza. Pelo volume de judeus que havia no país, políticas extremistas foram adotadas de forma que quaisquer eventuais auxílios prestados fossem duramente reprimidos, como por exemplo, a pena de morte extensiva a todos os membros da família. (KAMINSKI; KORKUC, 2016).

Todavia, unidades secretas conspiratórias chamadas “subterrâneas” emergiram para prestar apoio aos judeus. As unidades, denominadas *Zegota* (DZIECIOLOWSKA, 2017) contavam com grande apoio de entidades religiosas, como padres. Apesar da grande devastação causada pela guerra ao povo e ao território Polonês, o país seguiu rejeitando qualquer apoio e alinhamento com os germânicos.

Não bastasse desolação alemã, a Polônia começou a ser atacada também pelos Ucranianos, que percebendo o êxito alemão, assassinaram cerca de 100 mil poloneses, a fim de acabar de vez com a população remanescente da região (KAMINSKI; KORKUC, 2016).

Mais tarde, em 1943, a Polônia voltou a sofrer com agressões soviéticas, que se firmaram com o rompimento das relações bilaterais entre a União Soviética e a República da Polônia. Stalin retomou as ocupações no recorte oriental da superfície polonesa, anexando-as a seu território.

A guerra devastou a Polônia com danos irreparáveis. Cerca de 6 milhões de poloneses foram assassinados, dentre eles, muitos médicos, religiosos e cientistas. Enorme parcela da população foi proibida pelos soviéticos de voltar ao país. O patrimônio nacional sofreu uma perda de aproximadamente 38%, perderam-se principalmente equipamentos industriais e de comunicação, essenciais para o crescimento e modernização da economia polonesa, que foram majoritariamente saqueados pelos invasores (KAMINSKI; KORKUC, 2016).

Finda a guerra, com o auxílio da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, a situação buscou se reverter ao que correspondia antes da guerra. A Polônia, apesar de ter recuperado parte de suas terras, teve seu território reduzido em 20%, se comparado ao período prévio à guerra, oficializando a incorporação de regiões que antes pertenciam à Polônia, ao território soviético. Além disso, as potências ocidentais mediadoras não exigiram que as tropas soviéticas fossem removidas da Polônia, demonstrando mais uma vez a inércia e deslealdade dos mesmos perante o país, mesmo depois do compromisso que ambos

tinham, e da ajuda em tropas e inteligência²⁰, mesmo na situação calamitosa a qual se encontravam.

Com a inatividade dos aliados ocidentais perante a instabilidade polonesa, Stalin pôde fazer da Polônia um território subordinado à União Soviética, a partir de um golpe aplicado durante as eleições de 1947, que tiveram seu resultado forjado, em prol de um governo comunista, que pudesse seguir impondo as vontades soviéticas na Polônia, de forma “legítima” (KAMINSKI; KORKUC, 2016). Instalou-se, assim, uma ditadura comunista fundamentada no terror e no controle dos setores da sociedade, almejando o fim total da religião, com a propagação de propagandas anticlericais.

O governo comunista polonês adotava medidas que não agradavam os cidadãos poloneses. Com bastante censura e repressão, as pessoas estavam constantemente indo às ruas para fazer greves. Apesar de serem contra a religião, no mesmo período o cardeal Karol Wojtyła foi eleito Papa, passando a ser chamado de João Paulo II, em 1978, fazendo renascer a esperança nos poloneses e o choque nos comunistas. O renascimento da resistência e o poder que a igreja estava tendo a partir da nomeação do papa foram capazes de conter os impedimentos impostos pelo governo.

Dessa forma, a Polônia pode, gradualmente, se reestabilizar. A resistência estava mais uma vez ganhando forças e se manifestando, inclusive em estruturas de poder, até o ano de 1981, quando o governo decretou Estado de Sítio no país. Apesar de frequentes, as repressões não foram o suficiente para cessar a resistência, que mais uma vez tomava a população a partir de greves e manifestações clandestinas, e assim seguiu até o declínio do regime comunista e o fim da União Soviética em 1991. Ainda que com a economia deteriorada, a Polônia pôde ir melhorando sua situação econômica, política e social lentamente até chegar aos dias atuais.

²⁰ Os poloneses da resistência foram capazes de decodificar as mensagens e símbolos secretos dos alemães e repassá-los a seus aliados ocidentais, com o uso do “Enigma”, uma máquina de criptografia.

5. AS RELAÇÕES BILATERAIS ENTRE BRASIL E POLÔNIA

Com uma história tão ampla e de tanta instabilidade, a política exterior polonesa não tinha como diferir em grandeza deste cenário. Em relação ao Brasil, bilateralmente, não foi diferente. Apesar de distantes, de certo modo, as relações entre ambos os países sempre se mostraram, no geral, amigáveis e cordiais.

Mesmo antes de a Polônia existir como um país, de fato, o Brasil já demonstrava solidariedade com relação a ela, apesar de ambos ainda possuírem relações remotas.

Os mais de cem anos que a Polônia passou riscada do mapa devido à ocupação de seu território por terras vizinhas, despertou a simpatia de outras nações no que tange à resistência polonesa e sua luta pela independência. O Brasil fora um desses países que se manifestou pela causa da Polônia. Um exemplo célebre de manifestação brasileira ocorreu quando Dom Pedro I, na época Imperador do Brasil, gritou “*Vive la Pologne!*” durante uma encenação, em Paris, do Levante de Novembro²¹ (MAZUREK, 2010), o que fora, provavelmente, um ato não político durante um momento de descontração, mas que pode transparecer certa simpatia por parte do imperador.

Não obstante, seu sucessor, Dom Pedro II manteve a relação amistosa para com a resistência polonesa, chegando a se efetivar, em 1877, no papel de membro de uma espécie de associação polonesa de emigração, como comprova o diploma recebido por ele pela *Société Nationale Polonaise et des Amis de la Pologne*²². (SCHR; AMBROZIAK, 2013; MAZUREK, 2010)

Outro episódio de grande significação ocorreu durante a II Conferência Internacional da Paz na Haia, em 1907, quando Ruy Barbosa, admirável político e diplomata brasileiro, na condição de delegado do Brasil, engajado na questão da igualdade e soberania das nações, citou diversas vezes em seu discurso a Polônia e sua situação, pondo-se de acordo com a restauração de sua independência, já que a mesma, até então, permanecia riscada do mapa. Tal feito desencadeou simpatia dos poloneses em relação à Ruy Barbosa que,

²¹ Também conhecida como Revolução dos Cadetes, o evento compreendeu a uma revolta armada contra os Russos que tinham a intenção de dominar a Polônia.

²² Sociedade Nacional da Polônia e dos Amigos da Polônia.

ao fim de sua vida, fora volumosamente homenageado, principalmente por autoridades²³ e pela imprensa polonesa²⁴, tanto no meio da comunidade polonesa no Brasil, como no próprio território polonês. (SCHR; AMBROZIAK, 2013).

A afinidade e apazibilidade que regia a relação entre ambos os países possibilitou que, em 1918, quando a Polônia voltou a aparecer no mapa, o Brasil fosse o primeiro país da América Latina a reconhecer a sua independência, e um dos primeiros do mundo (ITAMARATY, s.d.; MAZUREK, 2010)

Pouco depois, em maio de 1920, ambos os países selaram suas relações diplomáticas. A princípio, as representações oficiais eram subordinadas a Legações, passando a serem somente em 1961 elevadas ao patamar de embaixadas. Esse progresso acarretou no aumento do número de consulados honorários da Polônia em jurisdição brasileira, passando de três para seis (BRUDZINSKA, 2012), sendo que hoje em dia apenas quatro consulados-honorários estão em atividade²⁵, além de o Consulado Geral e a Embaixada (ITAMARATY, s.d.).

O elo diplomático foi oficializado, ainda em 1920, com uma carta redigida pelo legado²⁶ polonês, Conde Ksawery Orłowski para o então Presidente do Brasil, Epitácio Pessoa da Silva, na qual Orłowski expressava sua gratidão e reforçava os votos entre ambos os países, a partir do discurso que se segue, transcrito pelo historiador Jerzy Mazurek em 2010:

Não esqueçamos e não esqueceremos nunca que o Brasil pertenceu às grandes e nobres potências que puseram fim à enorme injustiça do século XIX, saudaram a situação no Leste da Europa, consagraram a ressurreição da Polônia e declararam sua independência. Deve-se estranhar, então, que na Polônia surgiu simpatia a tudo o que é brasileiro? (...) O Governo da República da Polônia deseja provar o quão importante é para ele o estabelecimento das relações oficiais entre os dois países – relações que, de facto, existem entre

²³ O legado, que na época compreendia ao representante oficial da Polônia no Brasil, Tadeusz Grabowski e o presidente do Senado da Polônia Władysław Raczkiewicz foram alguns dos muitos admiradores que Ruy que homenagearam o diplomata após sua vida.

²⁴ Dois exemplos de veículos de circulação que noticiaram o falecimento de Ruy Barbosa com grande pesar e admiração por seus feitos, foram o *Przyjaciół Rodziny* (Amigo da família) e o *Lud* (jornal polonês do Brasil, anteriormente mencionado).

²⁵ Sendo eles o de Belo Horizonte, Fortaleza, Manaus e São Paulo.

²⁶ Representante diplomático da época.

nossos países já há mais de meio século. Riscada do mapa político da Europa, emigraram pela primeira vez seus filhos para, no Brasil, procurar um céu mais sereno e um destino melhor do que aquele que lhes preparava o jugo dos invasores. A Polônia não parou de se interessar pelos seus filhos forçados à emigração, os quais, com a etiqueta de russos ou alemães, trabalhavam para o desenvolvimento das riquezas de vosso maravilhoso país, encontrando aqui o pão e sua outra Pátria.

Com o advento da Segunda Guerra Mundial em 1939, devido às novas ocupações ocorridas em território Polonês, o Brasil e a Polônia não tiveram um rompimento de suas relações diplomáticas, mas sim um intervalo (ITAMARATY, s.d.), que somente pode ser cessado e as relações entre ambos retomadas em 1941, quando o Brasil reconheceu o governo exilado polonês na cidade de Londres.

Contudo, o governo brasileiro teve uma posição um tanto controversa ao permanecer neutro perante o início das invasões alemãs à Polônia. Diferentemente do governo, a população brasileira, especialmente as comunidades polono-brasileiras do Estado e simpatizantes, manifestaram indignação quanto ao acontecimento, explicitando sua simpatia pela causa polonesa. Um bom exemplo pode ser percebido a partir da circulação nos meios de comunicações de reportagens as quais deixavam clara sua posição. Tais como “O bombardeio bárbaro [...] de Czestochowa”; “Agressão sem precedentes”; “A Polônia defende a liberdade e a honra” (MAZUREK, 2010), são títulos de reportagens que evidenciavam a opinião pública.

Ainda subordinadas à legações, a representação polonesa do Rio de Janeiro tomou a iniciativa de criar uma espécie de organização que contava com o suporte de membros da comunidade polonesa no Brasil e de simpatizantes, visando prestar auxílio às vítimas de Guerra da Polônia. O empreendimento arrecadou dinheiro, alimentos e remédios que foram enviados à Polônia para ajudar tanto prisioneiros poloneses e nacionais deportados, como a própria população.

Finda a guerra, a Polônia seguiu contida, neste momento mediante influência da União Soviética, sob a ótica do regime comunista. Agora, a Polônia reproduzia os interesses da União Soviética, a qual o Brasil havia rompido as relações diplomáticas em 1947 (MAZUREK, 2010), em resposta às ofensas soviéticas ao governo brasileiro que, no contexto da Guerra Fria,

mostrava-se mais inclinado ao governo norte-americano. Portanto, houve nesse período uma divergência de ideologias e interesses políticos entre ambos que esfriou as relações vigentes no âmbito diplomático, ainda que estas pudessem se manter cordiais (ITAMARATY, s.d.).

Todavia, a natureza desenvolvimentista vigente durante o governo de Eurico Gaspar Dutra não impediu que, mesmo com as divergências políticas, fossem selados acordos que pudessem beneficiar o Brasil e, ao mesmo tempo, fortalecer a relação econômica e comercial do país com a Polônia (MAZUREK, 2010).

Seguindo a cronologia, durante o período militar do Brasil, provocado pelo Golpe de Estado de 1964, o Brasil e a Polônia enfrentaram um entrave que estremeceu as relações políticas dos dois Estados, ainda que suas relações econômicas tenham continuado. Visando incrementar o crescimento do Brasil a partir do desenvolvimento e industrialização motivados pela entrada de capital estrangeiro no país na forma de empréstimos e investimentos, o Brasil pode mudar sua postura de devedor para credor, e assim passou a oferecer créditos à Polônia comunista que tinha interesse em obter os produtos brasileiros, o que resultou conseqüentemente num grave endividamento por parte da Polônia, tornando-a o maior devedor do Brasil na época (BRUDZINSKA, 2012).

O episódio refletiu como um empecilho entre as duas nações, e atribuiu à Polônia uma imagem pejorativa na imprensa brasileira (BRUDZINSKA, 2012). Tal dívida somente pode ser negociada cerca de vinte anos mais tarde, onde fora acordado durante a 40ª sessão da Assembleia da ONU a redução de 50% e a reorganização da dívida polonesa (MAZUREK, 2010). O acordo, no entanto só foi assinado em 1992, quando a Polônia finalmente passava por sua transição democrática. Portanto, foram décadas de estremecimento na relação bilateral entre ambos, ainda que essas não tenham sido rompidas e tenham de certa forma, se mantido cordiais.

Com o fim na União Soviética, a Polônia seguiu sua jornada na busca pela reintegração e estabilidade do seu território. Neste período, as prioridades dos países estavam extremamente divergentes, o que mais uma vez ocasionou num distanciamento entre os dois Estados, inclusive no campo econômico, visto que o Brasil enfrentava um período de retração econômica. Enquanto a

Polônia estava empenhada em ingressar na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e na União Europeia (UE), o Brasil visava sanar seus problemas internos²⁷.

4.3. Relações diplomáticas

Devido à ocorrência da imigração em massa, a representatividade polonesa em solo brasileiro tornou-se algo fundamental e de grande respeito da sociedade polono-brasileira.

Na Polônia, a lotação dos campos somada ao desemprego e as más condições de vida na cidade, acrescentando ainda as políticas de incentivo à vinda de imigrantes ao Brasil, atraiu milhares de cidadãos poloneses que buscavam uma vida digna e em liberdade. O grande fluxo resultou na necessidade de estabelecimento de uma relação amena entre os países e em atividades principalmente culturais entre ambos, de forma que pudesse manter a memória polonesa viva, mesmo em imersão na cultura brasileira, transformando assim a comunidade polono-brasileira em um dos pilares pelos quais a relação bilateral entre ambos é regida.

Apesar de cordiais, as relações nunca foram muito intensas, o que pode ser justificado pela distância geográfica, as prioridades políticas e suas situações de instabilidade internas e, ainda, apesar dos esforços da comunidade polono-brasileira, devido às diferenças culturais (como língua, por exemplo) e históricas (que não são propriamente englobadas na sociedade brasileira como um todo, senão adentro da comunidade de imigrantes poloneses no Brasil).

Tal falta de intensidade refletiu nas relações diplomáticas. Apesar de ter sido oficializada em 1920 e dos pequenos avanços decorrentes ao longo do tempo, a primeira visita de um presidente polonês ao Brasil só veio a ocorrer em 1995, ou seja, 75 anos depois do início das relações diplomáticas entre os países. No caso do Brasil, a primeira vez que um presidente brasileiro visitou a Polônia em nome do Estado foi em 2002 (BRUDZINSKA, 2012).

²⁷ Crise política e econômica interna. Foi nesse período que fora criado o Plano Real, no âmbito econômico, enquanto que no campo político ocorria o *impeachment* de Fernando Collor.

A distância geográfica, no entanto, não impediu o Brasil de estar no topo da preferência polonesa na América Latina e Caribe. Se levado em consideração a intensidade de interação da Polônia com outros países do mesmo bloco, nota-se que o Brasil sempre obteve destaque, sendo até mesmo mencionado em dois documentos de política externa polonesa como “parceiro prioritário”²⁸ (BRUDZINSKA, 2012).

Desde 1920, quando a relação entre ambos foi selada até os dias atuais, foram tomadas algumas iniciativas a respeito da cooperação bilateral. O Acordo de Cooperação Econômica (1960), Cultural (1991), de Educação e Tecnologia (1996), de Cooperação Científica e Tecnológica (2004) (BRUDZINSKA, 2012), além de acordos de intercâmbio, como o de militares brasileiros e poloneses, selado em 2010 (ITAMARATY, s.d.), bem como o de ingresso da Polônia no programa Ciências sem Fronteiras desde 2013, nas áreas de engenharia e química, são alguns dos vários acordos bilaterais assinados entre Brasil e Polônia desde a data de início de suas relações.

Quanto ao Ministério das Relações Exteriores brasileiro, dentro do sistema, a Polônia faz parte de um grupo chamado V4, que abrange, além da Polônia, a Hungria, Eslováquia, República Tcheca e os países bálticos. Esse grupo faz referência à Europa Central e ao oriente europeu, sendo portanto um conjunto a parte do recorte ocidental, compreendendo à Alemanha, França, Portugal, Espanha, e outros, além de, também a Turquia, especificamente e os países escandinavos.

As relações do Brasil com os países do V4 são mais estáticas se levado em consideração a interação do Brasil com outros países membros da União Europeia, devido às questões culturais, históricas e às divergências de interesses e prioridades, o que explica o porquê de o Brasil possuir mais proximidade com Portugal e Espanha, do que com a Polônia e a Ucrânia, por exemplo.

Partindo da ótica polonesa, algo semelhante pode ser observado. O Brasil faz parte de um departamento (Departamento das Américas) onde, dentro deste, faz parte de um outro grupo - o da América Latina e Caribe, que

²⁸ “Estratégia da República da Polónia para países em desenvolvimento não europeus” de 2004 e “Prioridades da Política Externa Polonesa 2012-2016” (BRUDZINSKA, 2012).

não compreende à uma prioridade polonesa nem remete aos seus interesses diários (BRUDZINSKA, 2012).

Ainda assim, na região da Europa Central, a Polônia se mostra como o país mais relevante ao Brasil cultural, política e economicamente, assim como o Brasil mostra-se o país mais relevante à Polônia nos mesmos campos, dentro do grupo de países da América Latina e Caribe, devido a sua história conjunta e herança migratória, o que pode ser proveitoso se levado em consideração as iniciativas culturais, podendo servir como um incremento ao turismo mútuo, e às trocas comerciais e científicas (BRUDZINSKA, 2012).

No mais, pelas palavras da Embaixada da República da Polônia em Brasília:

Os dois países mantêm uma relação amistosa, baseada primeiramente na existência de uma grande comunidade polonesa no Brasil, posteriormente fortalecida por acordos políticos e, finalmente, pelo intercâmbio cultural e pela cooperação econômica.

4.4. Relações econômicas

No que tange às relações bilaterais econômicas entre Brasil e Polônia, ambos já podem se considerar parceiros de longa data. A princípio, as trocas comerciais compreendiam à compra de carvão, cimento e trilhos ferroviários, principalmente, por parte do Brasil, e de café, cacau, fumo e algodão brasileiro pela Polônia (MAZUREK, 2010).

Com a dinamização do mercado, a relação entre ambos também foi crescendo, porém de forma moderada, até finalmente a entrada da Polônia na União Europeia, o que alavancou sua parceria com a República Federativa do Brasil de modo que o Brasil esteja em sua preferência na zona da América Latina e Caribe não somente na questão político-diplomata, mas também no quesito do comércio e da economia, sendo o Brasil seu maior parceiro comercial na área e vice versa.

Sua relação atingiu o ápice em 2012, quando as trocas comerciais entre ambos os países totalizaram pouco mais de U\$ 1 bilhão, sendo que grande

parte desse valor compreendeu às exportações brasileiras, principalmente de aeronaves que estavam em seu apogeu (MAZUREK, 2010; ITAMARATY, s.d.).

A Polônia importou uma grande quantidade de aviões da empresa brasileira Embraer, para serem usados pela linha aérea polonesa PLL LOT (*Polskie Linie Lotnicze LOT*), compondo cerca de 60% de sua frota de aeronaves, e atribuindo a esta mercadoria, portanto, merecido destaque, uma vez que ela pode compreender ao item mais exorbitante e importante das trocas (ITAMARATY, s.d.).

As relações comerciais entre a Polônia e o Brasil continuaram a crescer de forma que, em 2013, pode se registrar um aumento de 8,4% no valor total do resultado das trocas comerciais, em comparação à 2012, chegando a atingir a comarca de U\$ 1,48 bilhões (BRUDZINSKA, 2014).

Apesar de soar vantajado, as relações comerciais e econômicas bilaterais entre os dois países ainda são muito reduzidas. Enquanto o saldo das relações com a Polônia representava cerca de 0,2% da economia brasileira, a participação do Brasil na economia polonesa chegou a 0,37% em 2011 (BRUDZINSKA, 2014). Apesar disso, as relações bilaterais dessa natureza entre ambos os países tem apresentado grandes avanços nos últimos anos, que transbordam da balança comercial e atingem outros ramos da economia, como por exemplo, o setor empresarial.

Cientes das consequências das crises originárias da Europa, e visando expandir seu mercado a novos horizontes, empresas polonesas tem percebido cada vez mais a importância de investir em novos mercados em economias emergentes (BRUDZINSKA, 2014), que representam novas fontes de crescimento e quebram com o padrão de aliados, diversificando o leque de forma que, em situações de crise, as empresas polonesas tenham uma espécie de “plano B”, que seriam justamente esses parceiros não convencionais os quais tem recebido investimentos poloneses.

Para tanto, novas iniciativas vêm sendo tomadas, principalmente no Brasil para atrair empresas polonesas, como a organização de feiras, congressos, missões comerciais e promoções na mídia.

4.5. Perspectivas futuras

Diante dos acontecimentos recentes no cenário mundial, como a crise migratória na Europa e a ascensão de governos de extrema direita em nações do mundo inteiro, inclusive na Polônia e no Brasil, observa-se uma espécie de afinidade, principalmente no quesito ideológico entre os presidentes dos países, o que poderá representar uma aproximação entre ambos os Estados nos próximos anos, ainda que seus focos sejam, prioritariamente outros.

Na Polônia, o presidente de extrema direita Andrzej Duda, com seus ideais conservadores e proximidade com a igreja católica, se assemelha bastante ao cenário do Brasil com a vitória do candidato Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, devido ao discurso proclamado pelo mesmo, ainda que este seja mais explícito e até mesmo mais agressivo do que o proferido pelo presidente polonês (DURYS, 2018).

A insistência por mudanças trouxe a ambos os países a mudança brusca de configuração interna, no entanto, ainda é demasiadamente cedo para chegar a quaisquer conclusões concretas, uma vez que, no caso do Brasil, o presidente eleito sequer tomou posse ainda, sendo somente possível, portanto que sejam feitas especulações quanto ao futuro.

CONCLUSÃO

Pode-se observar com a retomada histórica que, desde o seu primórdio, a Polônia passou por um enorme “efeito sanfona” geográfico, oscilando constantemente sua dimensão, chegando até mesmo a sumir do mapa, portanto, é plausível concluir que a vida no território não era fácil, uma vez que os ataques e invasões eram constantes e ele estava sempre envolvido em conflitos regionais, de certo modo, explicitando a proximidade das relações polonesas com seus vizinhos, ainda que conflituosa, o que, como consequência desses eventos, acabava por gerar uma confusão de identidade entre eles.

Ademais, não só internacionalmente se dava a fragilidade polonesa, mas também internamente, como com o advento da lotação dos campos, desemprego e condições precárias de vida na cidade, e os constantes episódios de instabilidade interna. Tudo isso contribuiu para o deslocamento das famílias polonesas para o sul do Brasil, acarretando numa relação equilibrada entre ambos os países, ainda que esta não fosse intensa, possivelmente devido à distância geográfica, às instabilidades internas de ambos os países e das diferentes prioridades dos governos de ambos.

Este cenário interno obrigou os poloneses, portanto, a buscarem alternativas em vista de uma vida estável, em liberdade e com oportunidades, o que acarretou na imigração em questão que, justifica-se pela política adotada pelo Brasil na época de atração de imigrantes para o usufruto nacional como mão de obra abundante e barata, sem que fosse decorrente do trabalho escravo.

No entanto, as dificuldades enfrentadas pelos poloneses não cessavam com a sua chegada ao Brasil. Ademais, havia dentro do próprio grupo desavenças de cunho principalmente étnico e cultural que, para serem amenizadas, contaram fortemente com o trabalho árduo dos agentes intelectuais e das autoridades de representação polonesa no Brasil.

Para tanto, pode-se observar que o vasto arcabouço histórico e a ampla trajetória polonesa evidenciam a presença de diversos povos, culturas e etnias que, em algum momento, estiveram presentes na Polônia, seja incrementando

em sua história por meio de contato indireto, ou como uma parcela do seu próprio território.

O fato de que essa vastidão de povos constitui a história polonesa, significa dizer que há, na Polônia, ao menos algum resquício dessas culturas, culminando no que hoje compreende à cultura polonesa contemporânea.

Por isso existe uma enorme dificuldade na definição precisa do que é ser Polonês, visto que o próprio polonês é, hoje, uma mistura de povos e culturas.

Ressalta-se ainda sua admirável trajetória e persistência no que tange à sua liberdade, bem como sua resiliência que possibilitou o país de ser tanto o maior país da Europa, como um país inexistente mais de uma vez e, ainda assim, dar a volta por cima de modo que, hoje em dia, compreende à um país estável, com bons índices internos, considerado desenvolvido e com grande potencial econômico, principalmente referente à investimentos.

Há de se evidenciar também o papel da religião e, neste caso, da igreja católica que pode manter a sociedade unida tanto em território estrangeiro, como no próprio território polonês, servindo como uma força motriz para que a nação pudesse seguir resistindo agindo para mudar a realidade local, como ocorreu com a nomeação do Papa João Paulo II, justamente num período em que isto fora essencial.

Quanto às relações bilaterais entre Brasil e Polônia, levando em consideração todas as esferas - política, diplomática, educacional, científica e econômica, pode-se dizer que, apesar de sua longa trajetória, ainda que só tenha sido oficialmente reconhecida há menos de um século, compreende a uma relação amena e estável, muito embora não seja intensa, o que se pode justificar devido, principalmente, ao êxodo polonês em direção ao Brasil, mudando para sempre as histórias e estruturas de ambos os países, e criando um elo entre elas, regido por esta força motriz.

REFERÊNCIAS

- BATURA, Romas. **Places of Fighting for Lithuania's Freedom**. 2010. Disponível em: <<http://www.lka.lt/download/6407/places>> acesso em 06 out. 2018
- BIERNASKI, Lourenço. **Contribuição dos Padres Vicentinos**. 2002. Vicentina, Curitiba. 2003.
- BRUDZIŃSKA, Kinga. **Overview of the Poland-Brazil Relations**. 2012. Disponível em: <<http://www.kas.de/wf/doc/15431-1442-2-30.pdf>> acesso em: 09 jun. 2018
- COHEN, Nathan. **The Love Story of Esterka and Kazimierz King of Poland – New Perspectives**. 2015. Disponível em: <<http://www.aapjstudies.org/index.php?id=176>> acesso em 20 set. 2018
- DURYS, Nina. **A Polônia pelos poloneses: democracia ameaçada**. 2018. Disponível em: <<https://outroblog.com/2018/11/polonia-democracia-ameacada.html>> acesso em 23 nov. 2018
- DZIECIOŁOWSKA, Karolina. **The History of Zegota**. 2017. Disponível em: <https://sprawiedliwi.org.pl/en/o-sprawiedliwych/rada-pomocy-zydom-zegota/historia-zegoty> acesso em 12 out. 2018
- GARDOLINSKI, E. **Imigração e colonização polonesa**, 1956. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/biblioestudoseticos/wp-content/uploads/2014/04/Gardolinski-Edmundo-Imigra%C3%A7%C3%A3o-e-Coloniza%C3%A7%C3%A3o-Polonesa.pdf>> acesso em: 09 jun. 2018.
- GLUCHOWSKI, Kazimierz. **Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil**. 2005. Rodycz & Ordakowski, Porto Alegre.
- KAMINSKI, Lukasz; KORKUC, Maciej. **Guia Pela História da Polônia de 966 a 2016**. 2016. Disponível em: <<https://www.msz.gov.pl/resource/af3785d7-9e6d-4eb4-ae70-167210f8028c:JCR>> acesso em 17 set. 2018
- LEOCARDIO, A., TARLOMBANI, M. **A Imigração Polonesa no Território Paranaense: Aspectos culturais e distribuição espacial das colônias polonesas no espaço geográfico paranaense**. 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1756-8.pdf>> acesso em 09 jun. 2018
- MATSUKI, Eizo. **The Crimean Tatars and their Russian-Captive Slaves An Aspect of Muscovite-Crimean Relations in the 16th and 17th Centuries**. 2006. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20130115170654/http://www.econ.hit-u.ac.jp/~areastd/mediterranean/mw/pdf/18/10.pdf>> Acesso em 07 set. 2018

MAZUREK, Jerzy. **Brasil e Polônia – 90 anos de Relações Diplomáticas**. 2010. Disponível em: <<https://brasil.mfa.gov.pl/resource/d4ac1889-c3ec-4e5d-9d60-ddd93280dcba:JCR>> acesso em: 04 nov. 2018

MENDONÇA, Dante. **A Banda Polaca – Humor do imigrante no Brasil Meridional**. Novo Século, São Paulo, 2007.

PYZIK, Estanislao. **Los Polacos em la Republica Argentina (1812-1900). Algunos antecedentes históricos y biográficos**. Buenos Aires: Instituto Cultural Argentino-Polaco, 1944.

República da Polônia. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/5668-republica-da-polonia>> acesso em 19 nov. 2018

ROLFSEN, Maria; BASTOS, Sênia. **Turismo e Imigração: Estratégias de Ingresso no Brasil Durante os anos 1937 a 1951**. 2009. Disponível em: <<http://festivaldeturismodascataratas.com/wp-content/uploads/2014/01/6.-TURISMO-E-IMIGRA%C3%87%C3%83O-ESTRAT%C3%89GIAS-DE-INGRESSO-NO-BRASIL-DURANTE-OS-ANOS-DE-1937-A-1951.pdf>> Acesso em 28 ago. 2018

RZYSKI, Bárbara. **Aniversário de 600 anos da Batalha de Grunwald**. 2010. Disponível em: <<http://www.portalpolonia.org/600%20anos%20da%20Batalha%20de%20Grunwald.pdf>> acesso em 28 set. 2018

SCHR, Zdzislaw; AMBROZIAK, Renata. **Tributo dos poloneses à Águia de Haia no 90º aniversário da morte de Rui Barbosa**. 2013. Disponível em: <<http://www.polonicus.com.br/arquivos/livro-rui-barbosa.pdf>> acesso em 22 out. 2018

WACHOWICZ, Ruy C., MALCZEWSKI Schr, Zdzislaw. **Perfis polônicos no Brasil**. Curitiba: Vicentina, 2000.

WEBER, Regina. **Agentes e Intelectuais Étnicos Entre os Poloneses**. 2015. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/11712/8818>> acesso em: 19 ago. 2018

WEBER, Regina. **Historiografia da imigração polonesa: entre números e identidades**, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299876857_ARQUIVO_A NPUH-USP-2011.pdf> acesso em 09 jun. 2018

WEBER, Regina; WENCZENOWICZ, Thaís. **Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul**. 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/165076/000850534.pdf?sequence=1>> acesso em 30 ago. 2018

WEBER, Regina; ZALESKI, Rhuan. **Imigrantes poloneses no brasil no contexto da dominação austríaca**. 2016. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/2433/243349208012.pdf>> acesso em 06 set. 2018

WENCZENOVICZ, Taís. **II Guerra Mundial e Imigrantes Poloneses no Brasil: reflexos da memória local**. 2014. Disponível em: <<http://www.legiaodacruz.com.br/wp-content/uploads/2016/09/Artigo-TH%C3%81IS-JANAINA-WENCZENOVICZ.pdf>> acesso em: 19 ago. 2018